Dácio Antônio de Castro. Roteiro de leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 2001, pág. 13-31.
(10 folhas)

Contexto histórico-cultural da 2ª fase do Modernismo.

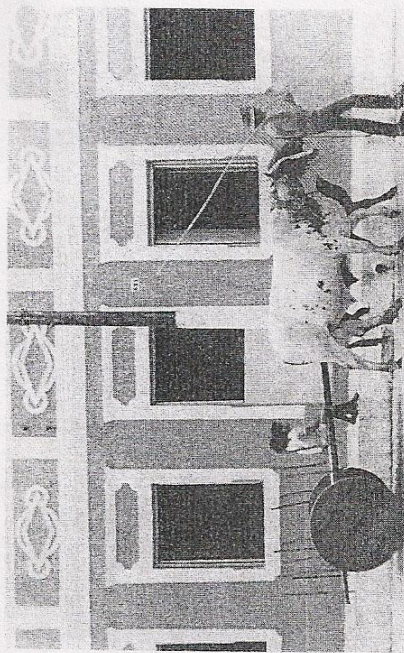
Regionalismo: do Romantismo a Guimarães Rosa.

O "projeto" de Vidas secas.

N2 - 1º semestre

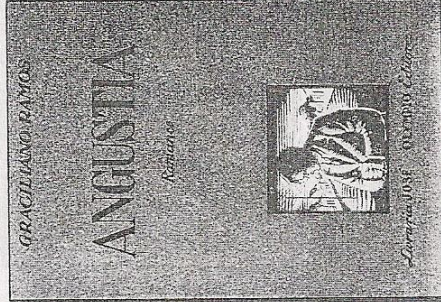
EXTOS

PERFIL BIOGRÁFICO DE GRACILIANO RAMOS

raciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, pequena cidade do estado de Alagoas, a 27 de outubro de 1892. Era o mais velho dos dezesseis filhos do casal Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro. Em 1894, seu pai troca o comércio pela criação de gado e se transfere para a fazenda Pintadinho, arredores de Buíque, no estado de Pernambuco, onde Graciliano foi alfabetizado. Um longo período de seca torna impossível a vida na fazenda, e em 1904 a família retorna para Alagoas, fixando-se em Viçosa. Ali, Graciliano tem seus primeiros contatos com a literatura, graças à amizade com o farmacêutico Jerônimo Barreto e com Mário Venâncio, agente dos Correios e professor do Internato Alagoano, que o convence a fundar *O Dilúculo*, jornalzinho escolar em que publicaria seu primeiro conto, "O pequeno mendigo".

Fachada da casa onde nasceu Graciliano Ramos, Quebrangulo, Alagoas.

Como não havia ginásio em Viçosa, os pais de Graciliano internaram-no no Colégio Quinze de Maio, de Maceió, onde permaneceu de 1905 a 1910. Nesse intervalo, mudam-se para Palmeira dos Índios, cidade vizinha a Viçosa. Abrem uma loja de tecidos, em que Graciliano trabalharia de 1911 a 1914. Entre um freguês e outro, Graciliano escreve sonetos e crônicas, e os envia para jornais alagoanos e cariocas. Aos 22 anos vai para o Rio de Janeiro, onde trabalha como revisor em vários jornais e publica textos no *Jornal de Alagoas* e no de Paraíba do Sul, interior do Rio de Janeiro.

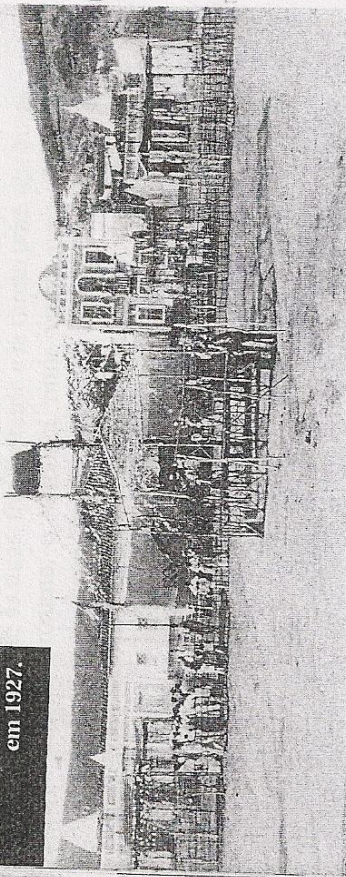
Em fins de agosto de 1915, recebe um telegrama do pai, comunicando a morte de três irmãos e um sobrinho, vítimas da epidemia de peste bubônica que se alastrava pelo sertão alagoano. A tragédia familiar o levaria de volta a Palmeira dos Índios. Em outubro, casa-se com Maria Augusta Ramos e retoma o comando da loja Sincera, atividade a que se dedicou entre 1916 e 1920. O entusiasmo é quebrado pela morte da esposa, no complicado parto do quarto filho do casal. Para reequilibrar-se emocionalmente, Graciliano passa a ensinar francês e italiano no curso noturno do Colégio Sagrado Coração. Colabora eventualmente em jornais da região, enquanto rascunha seus primeiros contos, dois dos quais — "A carta" e "Entre grades", sob decisiva influência de Eça de Queirós — serão os embriões dos romances *São Bernardo* e *Angústia*. Nessa época, conhece Heloísa de Medeiros, jovem de 18 anos, com quem se casa e que lhe dá mais três filhos.

Em 1926, Graciliano Ramos é nomeado presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios. Sua verve e inteligência, aliadas ao brilhante desempenho como pedagogo, impressionam favoravelmente os caciques políticos da região, que resolvem lançar sua candidatura a prefeito, em 1927. Eleito, realiza memorável administração, de que dão conta dois relatórios enviados ao governador Álvaro Paes. Redigidos com modéstia e informalismo, revelam a competência de Graciliano como prefeito e antecipam o brilhante estilista que *Vidas secas* e *Infância* confirmariam.

Capa da primeira edição, respectivamente, de *São Bernardo* (1934), e de *Angústia* (1936), com ilustrações de Santa Rosa. Ambos os romances são narrados em primeira pessoa e sofreram influência do estilo de Eça de Queirós.

As atividades de Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios são múltiplas: preside as festas da padroeira, zela pela moralidade pública, dirime questões de terra, escreve cartas para namorados que não sabem ler, faz discursos oficiais nas festas cívicas, dirige a filarmônica, aconselha famílias...

A experiência política de Graciliano na prefeitura leva o governador Álvaro Paes a nomeá-lo diretor da Imprensa Oficial do Estado. Graciliano aceita o convite sem hesitação, renunciando aos dois anos de mandato na prefeitura. Pouco antes de deixar Palmeira dos Índios, recebe uma carta do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, que lera os relatórios do prefeito e o consultava a respeito da possibilidade de ele escrever um romance. *Caetés*, que já vinha sendo escrito há cinco anos, será editado por Schmidt em dezembro de 1933.

Com a Revolução de 30, o governador Álvaro Paes é destituído, e Graciliano Ramos, por estar vinculado a ele, renuncia ao cargo e retorna a Palmeira dos Índios. Nos fins de tarde, graças à amizade com o padre Francisco Xavier de Macedo, refugia-se na sacristia da igreja de Nossa Senhora do Amparo para escrever os primeiros capítulos de *São Bernardo*.

Foto da praça de Palmeira dos Índios, cidade alagoana da qual Graciliano Ramos foi prefeito, eleito em 1927.

No início de 1933, o capitão Afonso de Carvalho, novo interventor de Alagoas, convida-o para ser diretor da Instrução Pública. Graciliano aceita e opera drásticas modificações na estrutura educacional do estado: triplica o volume de material escolar distribuído gratuitamente, aumenta os turnos de funcionamento das escolas (o que traz uma considerável ampliação do número de vagas), cria um serviço de fiscalização do ensino e seleciona novos professores, entre os quais seu fraterno amigo, o brilhante poeta Jorge de Lima, "intimado" a assumir a cadeira de Língua e Literatura Latinas no Liceu Alagoano. Quando decide, por questão de justiça, equiparar o salário das professoras rurais concursadas ao das professoras da capital, desagrada a esquemas políticos locais, acostumados a conchavos oportunistas.

Sede da Aliança Nacional Libertadora, no Rio de Janeiro. A ANL, frente que reunia diversos setores da sociedade brasileira contra o integralismo e contra o autoritarismo do governo Vargas, defendia em seu programa, entre outros pontos, a entrega do grande latifúndio aos trabalhadores rurais.

Como intelectual de esquerda, Graciliano pagaria caro por suas convicções: em março de 1936 é preso sob a acusação de ser aliancista[G]. Para justificar a prisão, usou-se como álibi o fato de Graciliano ter proibido que se cantasse nas escolas o *Hino de Alagoas*, "uma estupidez com solecismos, e isto se considerava impatriótico" (*Memórias do cárcere*, v. 1). É conduzido ao Forte das Cinco Pontas, em Recife, e de lá embarcado no vapor Manaus, em direção ao Rio de Janeiro. Graciliano tem

sua cabeça raspada e é obrigado a usar uniforme carcerário nos vários presídios por onde passaria, até janeiro de 1937. Essas situações terríveis estão relatadas em *Memórias do cárcere*, de publicação póstuma.

Libertado, hospeda-se durante algum tempo na casa de José Lins do Rego, um dos amigos que mais se empenharam por sua saída da prisão. Opta por fixar-se no Rio de Janeiro. Mora com a família em várias pensões, até conseguir alugar um apartamento.

Em 1940, passa a colaborar com a revista oficial do Estado Novo e é nomeado inspetor federal de ensino secundário. Adere oficialmente ao Partido Comunista Brasileiro em 1945, ano em que começa a trabalhar no *Correio da Manhã* (RJ), incumbido de revisar as páginas de tópicos e notícias. De acordo com Antônio Callado, seu contemporâneo no jornal, "Graciliano era um conhecedor profundo da língua portuguesa, sobretudo da gramática. Tinha o extremo bom gosto de escritor brasileiro que não se apega às regras gerais da língua, mas conhece profundamente. Ele cultivava a língua portuguesa com grande empenho e prazer" (*3 Antônios e 1 Jobim*, histórias de uma geração, 1993).

Nessa fase, o *Correio da Manhã* era considerado o jornal mais bem escrito do Brasil, graças ao "grupo dos alagoanos", formado por Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda e Pedro da Costa Rego, o redator-chefe. Graciliano permanece no *Correio da Manhã* até 1953, como chefe de revisão. Márcio Moreira Alves, na época, foca daquele jornal, em depoimento à revista *Imprensa* (agosto de 1994), relembra: "Graciliano chegava de bonde às duas, três da tarde e ia direto para um botequim próximo, o Marialva, onde virava uma alentada dose de cachaça. Trabalhava até as oito, nove da noite e, na saída, outra ida ao Marialva e outra dose de cachaça".

Em 1951, Graciliano é eleito presidente da ABDE, a Associação Brasileira de Escritores. Como tal, é convidado, no ano seguinte, a visitar a ex-União Soviética, ex-

Tchecoslováquia, Portugal e França, experiência relatada na obra *Viagem*.

De volta ao Brasil, consulta médicos amigos sobre fortes dores que sentira no peito durante a viagem. Estes lhe recomendam ir à Argentina. Lá, especialistas em pneumologia diagnosticam um câncer na pleura em estágio avançado. Como uma cirurgia nesse caso fosse inútil, optam por não realizá-la. Retornando ao Rio, Graciliano suportaria dolorosamente os cinco meses seguintes à base de morfina. Falece a 20 de março de 1953, aos sessenta anos.

Ironicamente, só depois de sua morte seus livros passaram a ter grande sucesso de público.

A vida muito difícil, dura mesmo, faz de Graciliano Ramos o bom exemplo de escritor brasileiro que tem de trabalhar na imprensa porque, só com literatura, não consegue sustentar a família.

Foi essa a digna trajetória de vida de um intelectual sóbrio, um tanto cético, às vezes desconfiado e sempre avesso à vaidade. Graciliano, conforme depoimento de seus contemporâneos, amigos e parentes, diferenciou-se pela independência de espírito.

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS

O SEGUNDO TEMPO MODERNISTA

Vidas secas é uma obra que se insere no *ciclo do romance regionalista nordestino* desenvolvido ao longo dos anos 30 (romance de 30[G]), constituindo-se num dos marcos do Neo-Realismo[G] na literatura brasileira.

No primeiro tempo modernista, desencadeado pela Semana de 22, com maior ou menor intensidade, os que formaram a "tropa de choque" do movimento — Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Alcântara Machado — incorporaram a atmosfera de deslumbramento e charme criada pelos "anos loucos", expressão com que se costuma designar a efervescência que tomou conta do mundo após o término da Primeira Grande Guerra, e que se estendeu por toda a década de 20.

É isso que leva o crítico Tristão de Athayde a assim se referir à década posterior: "Passou a hora das coisas bonitas". Com efeito, um grupo de escritores norte-nordestinos mobilizou-se para tomar os problemas da região como pano de fundo de sua experiência literária. *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, é considerado o marco inicial do ciclo do romance regionalista nordestino. No manifesto *Antes que Me Falem*, publicado como prefácio à obra, o autor esclarece como se dá a aproximação com o Neo-Realismo: "Há muitas formas de dizer a verdade. Talvez a mais persuasiva seja a que tem aparência de mentira".

Nesta foto, de 1952, estão reunidos importantes artistas e intelectuais brasileiros e o poeta chileno Pablo Neruda. Sentados, da esquerda para a direita, estão Jorge Amado, Graciliano, Neruda e o pintor Cândido Portinari.

O FILÃO REGIONALISTA

Desde o Romantismo[G], o regionalismo se constituiu num dos filões temáticos mais explorados pelos escritores brasileiros. A convicção de que o verdadeiro Brasil é o do sertão decorre do modo "caranguejo" como se processou a colonização portuguesa, que procurou se concentrar no litoral, dada a dificuldade de penetração no interior do país. Essa convicção, de fundo nacionalista, reforça-se com a Independência, levando escritores a enveredar pelo sertanismo. José de Alencar (*O sertanejo*, 1876) e Franklin Távora (*O Cabeleira*, 1876) são os escritores que melhor representam essa tendência, ao oferecerem uma visão grandiloqüente e apocalíptica da seca de 1777.

No Realismo[G], em sintonia com a teoria do determinismo[G] que influencia a estética, o regionalismo se "desidealiza". Os autores mostram-se agora empenhados em revelar como a realidade é influenciada por pressões exercidas pelo meio, pela raça e pelo momento histórico. Escritores como Rodolfo Teófilo (*A fome*, 1888), Domingos Olímpio (*Luzia-Homem*, 1903) e, principalmente, Oliveira Paiva (*Dona Guidinha do Poço*, 1891, publicado em 1952) passam a denunciar aspectos retrógrados de nossa organização rural, como o regime de apropriação da terra, o aproveitamento e a transformação dos recursos naturais, a permanência das relações de trabalho nos mesmos moldes da era colonial.

A prosa pré-modernista, ainda alinhada com a concepção, instaurada pelo Realismo, de arte como instrumento de crítica social, alargou essa visão problematizadora da sociedade rural brasileira, incorporando ao texto literário as particularidades sintáticas, fonéticas e vocabulares do falar regional.

Duas obras do período que se estende do Realismo ao Pré-Modernismo podem ser consideradas como antecipadoras e/ou preparadoras de *Vidas secas*.

A saga do vaqueiro nordestino em sua lida diária com o gado e as exíguas possibilidades de sobrevivência que lhe restam nos períodos da seca, deixando-lhe como única saída a migração, foram temas explorados, inicialmente, em *Dona Guidinha do Poço*, romance realista-naturalista de Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892), cujo estilo lembra o de Graciliano Ramos, pelo despojamento e pela inclusão de vocábulos e expressões regionais:

> *Estava-se em fevereiro, e nem um pingo de água. O poço da Catingueira, o mais onça da ribeira do Banabuiú, que em 1825 não pôde esturricar, sumia-se quase na rocha, entre as enormes oiticicas, de um lado, e do outro o saibro do rio. Era um trabalhão para os pobres vaqueiros: aqui, alevantar uma rês caída; ali, fazer sentinela nas aguadas a fim de proteger o gado amofinado contra a crueldade do mais forte; e, todos os dias que dava Nosso Senhor, cortar rama. E ainda tinham de percorrer constantemente as veredas e batidas para acudir prontamente à rês inanida de fome e sede, perseguir os porcos, que algum desalmado vizinho teimava em criar, persegui-los a bala, porque o torpe cabeça-baixa impestava os bebedouros.*
>
> (São Paulo, Ática, 1981. p. 16)

A outra referência é *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), obra pré-modernista de cuja costela parece ter saído *Vidas secas*. *Os sertões*, misto de sociologia, literatura, reportagem de guerra, revelam a admiração de Euclides da Cunha pelos sertanejos, a compreensão de suas lutas contra a natureza, constituindo um protesto contra o desprezo com que são tratados pelo governo federal.

O princípio da tragédia que orienta a vida de Fabiano e de seus descendentes é um prolongamento de um conceito instaurado por Euclides da Cunha em *Os sertões*. É uma verdade histórica que vem de longe: Euclides já dizia que o sertanejo copia o pai, como o pai copia o avô, como o avô copiava o bisavô, numa seqüência de gestos que se perpetuam eternamente: é uma genealogia em que não há progresso social.

No fragmento transcrito a seguir, de "O homem" (segunda parte de *Os sertões*), Euclides descreve o vaqueiro nordestino, num retrato muito próximo do que Graciliano Ramos desenharia de Fabiano:

> *Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias [...]. O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista o de guerreiro antigo cansado da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e, resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval em nosso tempo.*
>
> (São Paulo, Círculo do Livro, s/d.)

No século XX, o fenômeno da seca também foi referência para obras como *A bagaceira* (1928), de José

Américo de Almeida, *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Seara vermelha* (1946), de Jorge Amado, entre outras. *Vidas secas* (1938), entretanto, distingue-se pela técnica narrativa e pela singularidade da estrutura de romance, inovações que superam o empenho documental, testemunhal das obras mencionadas.

A tendência regionalista se renovou, em meados da década de 40, com Guimarães Rosa, que criou poeticamente um sertão imaginário, a partir das vivências do homem da região centro-oeste do Brasil.

Capa da primeira edição de *Vidas secas*, 1938, Livraria José Olympio, ilustrada por Santa Rosa.

HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO DE *VIDAS SECAS*

Preso em Maceió, sem culpa formada, Graciliano Ramos foi libertado da prisão a 13 de janeiro de 1937, no Rio de Janeiro, aonde fora conduzido. Para se recuperar do desgaste físico e emocional acumulado nos 310 dias de cadeia, hospeda-se por breve período na casa de José Lins do Rego. Transfere-se, a seguir, para um modesto quarto de pensão, localizado à rua Correia Dutra, 164, no bairro do Catete. Ali, ainda com a cabeça raspada — lembrança da temporada na Ilha Grande —, começa a gestação de *Vidas secas*[15]. Em carta, datada de 7 de maio de 1937, à esposa, Heloísa de Medeiros Ramos, que permanecera em Alagoas, Graciliano conta como foi o primeiro movimento de elaboração da obra:

[15] Todas as citações provêm da 63ª edição da obra (São Paulo, Record, 1992), com ilustrações de Aldemir Martins.

Foto de Heloísa Ramos à época em que Graciliano foi libertado. Entre as muitas cartas de amor que o autor lhe escreveu desde os tempos de noivado, várias tratam de suas obras e de seus projetos.

Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro. Quando se trata de bípedes, nem por isso, embora certos bípedes sejam ocos; mas estudar o interior duma cachorra é realmente uma dificuldade quase tão grande como sondar o espírito dum literato alagoano. Referindo-me a animais de dois pés, jogo com as mãos deles, com os ouvidos, com os olhos. Agora é diferente. O mundo exterior revela-se a minha Baleia por intermédio do olfato, e eu sou um bicho de péssimo faro. Enfim parece que o conto está bom, você há de vê-lo qualquer dia no jornal. Baleia é como esse poeta que gostava de cheirar roupa de mulher. (GARBUGLIO, J. C.; BOSI, A.; FACIOLI, V., 1987, p. 241.)

Três meses depois da carta, Graciliano providencia a vinda da esposa e dois filhos, que passam a morar com ele na pensão de dona Elvira, no Rio. Toda manhã, bem cedinho, tirava do fundo de um armário uma garrafinha de cachaça, tomava um gole em jejum, arrumava os três maços de Selma que fumava diariamente e sentava-se à mesa para escrever a saga da família de retirantes nordestinos.

O projeto inicial era produzir um romance, mas a conta da pensão não podia esperar. Por isso, cada capítulo ficou sendo uma espécie de episódio, logo vendido para *La Prensa*, um dos mais prestigiosos jornais da Argentina, atendendo a uma encomenda de um amigo, Benjamin de Garay, que solicitara a Graciliano "umas histórias do Nordeste". Algumas dessas histórias, por intermediação de Rubem Braga, são também vendidas para *O Jornal*, do Rio de Janeiro, por cem mil-réis. Para ganhar dinheiro, Graciliano usou do artifício de publicá-las, com títulos diferentes, em vários jornais e revistas, como *O Cruzeiro*, *Diário de Notícias*, *Folha de Minas* e *Lanterna Verde*. Era o único meio de aplacar a fome de dinheiro semanal da dona da pensão, que perdera suas parcas economias na roleta do cassino da Urca.

No ensaio *Alguns tipos sem importância*, escrito em agosto de 1939 e publicado, posteriormente, em *Linhas tortas* (1962), Graciliano dá outro depoimento sobre a produção de *Vidas secas*:

> *Em 1937 escrevi algumas linhas sobre a morte duma cachorra, um bicho que saiu inteligente demais, creio eu, e por isso um pouco diferente dos meus bípedes. Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olympio me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia [...].* Vidas secas *são cenas da vida do Buíque.*

Foi se armando assim, peça por peça, a estrutura desse "romance desmontável", como o classificou Rubem Braga, companheiro de letras de Graciliano, que morava na mesma pensão. *Vidas secas* foi publicado em março de 1938, dois meses antes do ataque integralista ao palácio do Catete, residência oficial de presidentes da República que, na época, hospedava Getúlio Vargas, ditador desde a instauração do Estado Novo, a 10 de novembro de 1937.

O ano de 1938 seria também marcado pela participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, realizada na França (em que obtém o 3º lugar, eliminada pela Itália nas semifinais), e pelas mortes de Lampião e Maria Bonita, assassinados em Sergipe.

No plano internacional, marcariam esse ano a publicação de *A náusea*, de Jean-Paul Sartre, a realização da Grande Exposição Internacional do Surrealismo, em Paris, a primeira apresentação de *Guernica*, mural em que Pablo Picasso denuncia o bombardeio da cidade basca pelo comando condor da Luftwaffe alemã, em apoio às tropas monarquistas de Francisco Franco, durante a Guerra Civil Espanhola. É também em 1938 que Orson Welles realiza a célebre performance que deixaria os americanos arrepiados: transmite pelo rádio a "invasão" dos Estados Unidos por marcianos.

***Guernica*, de Pablo Picasso, 1938. A luta das frentes populares, organizadas em vários países para deter o avanço nazi-fascista, teve resultado trágico na Espanha. O extermínio da aldeia basca Guernica ficou imortalizado nesta obra de Picasso.**

Em julho de 1944, a propósito de *Vidas secas*, Graciliano prestou o seguinte depoimento ao colunista João Condé, de *O Cruzeiro*:

> *No começo de 1937 utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de sinha Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos.*
>
> *Publicada a história, não comprei o jornal e fiquei dois dias em casa, esperando que meus amigos esquecessem Baleia. O conto me parecia infame — e surpreendeu-me falarem dele. A princípio julguei que as referências fossem esculhambação, mas acabei aceitando como razoáveis o bicho, o matuto, a mulher e os garotos. Habituei-me tanto a eles que resolvi aproveitá-los de novo. Escrevi "Sinha Vitória". Depois, apareceu "Cadeia". Aí me veio a idéia de juntar as cinco personagens numa novela miúda — um casal, duas crianças e uma cachorra, todos brutos.*
>
> *Octávio de Faria me dissera, em artigo enorme, que o sertão, esgotado, já não dava romance. E eu havia pensado:*
>
> *— Santo Deus! Como se pode estabelecer limitações para essas coisas?*
>
> *Fiz o livrinho, sem paisagens, sem diálogos. E sem amor. Nisso, pelo menos, ele deve ter alguma originalidade. Ausência de tabaréus bem-falantes, queimadas, cheias e poentes vermelhos, namoro de caboclos. A minha gente, quase muda, vive numa casa velha de fazenda. As pessoas adultas, preocupadas com o estômago, não têm tempo de abraçar-se. Até a cachorra é uma criatura decente, porque na vizinhança não existem galãs caninos.*
>
> *A narrativa foi composta sem ordem. Comecei pelo nono capítulo. Depois chegaram o quarto, o terceiro etc. Aqui ficam as datas em que foram arrumados: "Mudança", 16 julho 1937; "Fabiano", 22 agosto; "Cadeia", 21 junho; "Sinha Vitória", 18 junho; "O menino mais novo", 26 junho; "O menino mais velho", 8 julho; "Inverno", 14 julho; "Festa", 22 julho; "Baleia", 4 maio; "Contas", 29 julho; "O soldado amarelo", 6 setembro; "O mundo coberto de penas", 27 agosto; "Fuga", 6 outubro.*

Apesar de Graciliano já desfrutar de alguma fama, a primeira edição de *Vidas secas* vendeu pouco. Mesmo bem recebida pela crítica, os mil exemplares da obra demoraram dez anos para se esgotar. Até a morte do escritor, em 1953, foram lançadas somente três pequenas edições.

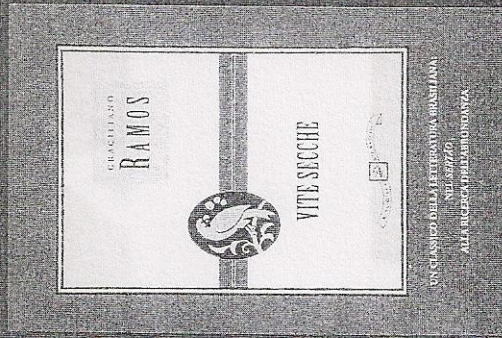
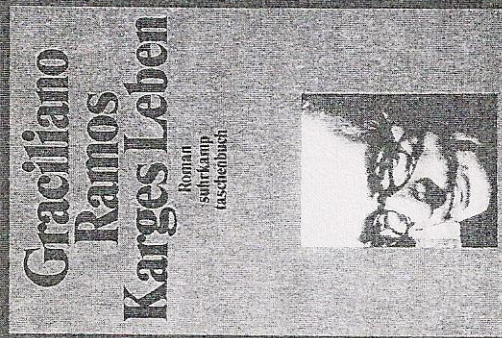
O TÍTULO

Inicialmente, Graciliano Ramos pensou em chamar seu romance de "O mundo coberto de penas", mesmo título do penúltimo capítulo, bastante sugestivo pela ambigüidade contida na palavra *penas*. No contexto do capítulo, o termo tanto pode referir-se às plumas das ameaçadoras aves de arribação como dimensionar o sofrimento e o desespero da família sertaneja. A gráfica da *Revista dos Tribunais*, que imprimiu a primeira edição, chegou até a fazer uma prova de capa com este título.

Graciliano cogitou também de denominá-lo "Fuga", mas acabou acatando a sugestão dada por Daniel Pereira, irmão do editor José Olympio, que considerou ser a expressão "vidas secas" a que melhor condensava a áspera condição humana das personagens.

Com efeito, o título *Vidas secas* condensa um leque de vários significados que se aglutinam para denunciar o absurdo grau de pobreza e miséria do sertanejo nordestino. Além de constituir um oxímoro[G], em que o adjetivo nega o substantivo, sugere uma interpenetração entre o *orgânico* (vida) e o *inorgânico* (secura, aridez etc.). Tangida pela seca, a família de retirantes comporta-se como as plantas xerófitas, que se adaptam a desertos ou lugares muito secos, resistindo à inclemência e à quase impossibilidade de sobrevivência no sertão semi-árido. Assim, como a vida que míngua a cada instante pela permanente ameaça da morte, a linguagem também torna-se seca, dura e cortante.

DEPOIMENTO

Vidas secas foi traduzido em mais de quinze idiomas e publicado em pelo menos vinte países. Desde seu lançamento, passou a ser considerado pela crítica como o ápice da mudança de rumos operada pelo Modernismo, desde que José Américo de Almeida publicara *A bagaceira*, em 1928. Representa também a realização estética mais apurada do Neo-Realismo na literatura brasileira. O depoimento seguinte oferece importantes subsídios para uma avaliação do projeto literário de Graciliano Ramos:

**À esquerda, capa da edição italiana de *Vidas secas*, 1993.
À direita, capa da edição alemã, de bolso.**

O que me interessa é o homem, e homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece em literatura. Os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo e José Lins. Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e da injustiça humana. Por pouco que o selvagem pense — e os meus personagens são quase selvagens — o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer; pesquisa que os escritores regionalistas não fazem nem mesmo querem fazer, porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem. (GARBUGLIO, J.